



Em “**A Chave Para a Teosofia**”, livro escrito em forma de perguntas e respostas, Helena Blavatsky afirma:

“Tudo depende dos pontos de vista que adotamos quanto a espírito e alma, ou individualidade e personalidade. Os espíritas confundem os dois “como sendo um só”; nós os separamos, e dizemos que, com as exceções acima enumeradas, nenhum espírito revisita a Terra, embora a alma animal possa fazê-lo.”[2]

Ao terminar a leitura deste importante livro, não tive dúvida de que era por Teosofia que eu buscava, e estava com mais sede do que nunca por aprender.

A vontade é um poder importante de que é dotado o ser humano e, enquanto a Raja Ioga ensina que devemos fortalecê-la através do autocontrole, a mediunidade a enfraquece para que “outros” ocupem nosso templo físico. Abrem-se fendas que vão aumentando de tamanho, até não haver mais resistência a qualquer invasão. Daí a perda de vitalidade [3] explicada por H.P. Blavatsky.

Penso que o espírita e todo livre pensador que realmente anseia por conhecimento chegarão à Teosofia como consequência natural da busca por uma melhor compreensão das Leis Universais. Encontrarão uma vasta literatura a seu dispor. Para aqueles que sintonizarem e que realmente buscarem por este conhecimento, o e-grupo **SerAtento** é uma ótima sala de estudos.

## NOTAS:

[1] Parágrafo inicial do texto “Os Sete Princípios da Consciência” de Carlos Cardoso Aveline, que pode ser encontrado em [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) pela Lista de Textos por Ordem Alfabética, ou pela Lista de Textos por Autor.

[2] “A Chave Para a Teosofia”, Helena Blavatsky, Editora Teosófica, Brasília, 3ª edição, p.138.

[3] “Como Evitar a Mediunidade e Seus Perigos”, texto que pode ser encontrado em [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) através da Lista de Textos por Ordem Alfabética, ou pela Lista de Textos Por Autor. Consta como nome de autor “O Teosofista”.

## Algumas Pedras no Caminho:

# Desmistificando o Esforço Espiritual

A Correspondência Reservada de H.P. Blavatsky e William Judge

A pequena loja luso-brasileira da Loja Unida de Teosofistas, LUT, comprou em 2010 alguns exemplares raros e caros de uma revista em língua inglesa pouco conhecida, “Theosophical History”. O enfoque da publicação é acadêmico. Os exemplares comprados contêm uma série de textos que reproduz boa parte da correspondência confidencial entre H.P. Blavatsky e W. Q. Judge sobre o trabalho e as dificuldades dos níveis internos do movimento teosófico.

As cartas vão desde meados dos anos 1880 até o final da vida de H. P. B. Não são muitas. Mas elas revelam o sofrimento, as tensões, a decepção, a frustração e a luta pessoal tremenda que implicava estar na liderança do movimento teosófico naqueles tempos difíceis.

Ao ver as expressões amargas colocadas por H. P. B. em suas cartas, e, indiretamente, o sentimento de desânimo de Judge em determinado momento, alguém pode pensar:

“Isso é decepcionante. Sendo a fundadora do movimento, H. P. B. tinha o dever de estar sempre sorrindo, posando para fotos, distribuindo autógrafos, sendo simpática, abençoando seus alunos amados, com um estilo cuidadosamente angelical em seu modo de expressar-se”.

Este ponto de vista ingênuo faz parte do faz-de-conta das organizações ritualísticas, e de outras agrupações que vivem de aparências de espiritualidade. Expressões amargas e notícias de dificuldades tampouco faltam nas “Cartas dos Mahatmas”. Em todas as religiões, os verdadeiros místicos tiveram e têm vidas difíceis, no mundo exterior, ao mesmo tempo que tinham e têm acesso a bênçãos de grande porte, no plano mais elevado. A vida é simétrica, e a bem-aventurança interna do Caminho é diretamente proporcional às suas dificuldades externas.

O caminho do sacrifício pela humanidade, o caminho do Boddhisatwa, implica trazer para si o sofrimento humano, tal como narrado, simbolicamente, na lenda dos evangelhos do Novo Testamento. E isso não é fácil. Aliás, nos evangelhos também há expressões amargas de Jesus em relação a seus discípulos, quando eles falham nas provas e testes.

Já que hoje a correspondência de H. P. B. e William Judge é pública, é preciso discuti-la. Mas cabe dizer que sua relevância é restrita.

A tendência acadêmica, nos estudos de história do movimento teosófico, tende a esmiuçar as coisas do ponto de vista da mera curiosidade sobre fatos externos, e, especialmente, fatos de natureza pessoal. “H. P. B. e Judge estavam discutindo sobre as decisões a tomar”. “Eles estavam frustrados, cansados, esgotados, estressados”. “H. P. B. estava decepcionada e hoje, retrospectivamente, podemos ver que estava avaliando mal certas coisas”.

Mas o que é, de fato, relevante?

O que é relevante é que enquanto os eus inferiores de Judge e H. P. B. estavam submetidos a tremendas tensões e dificuldades - como ocorre com todo grande pioneiro - eles estavam operando, sobretudo, em níveis superiores de consciência e construindo as bases de um movimento esotérico autêntico, capaz de abrir caminho para a futura religiosidade filosófica e universal. E deste movimento os cidadãos do século 21 podem fazer parte.

Cabe lembrar que H. P. B. era um ser humano, e que os Mestres não a protegiam de seus próprios erros, para que, assim, sua alma pudesse aprender com eles. Pensar que um discípulo é protegido pelo Mestre para que não erre constitui uma ilusão que ocupa lugar de destaque entre as principais falsificações produzidas pela pseudo-teosofia. Uma vez que o discípulo é sincero, honesto e autêntico, ele deve aprender com seus erros. E quem não é sincero não chega perto de qualquer coisa parecida com aprendizado esotérico. A sinceridade fará com que seus acertos sejam maiores que seus erros, mas os erros são valiosos como fontes de lições e fazem parte da caminhada.

É neste contexto realista que podemos compreender as dificuldades humanas de H. P. B. e Judge, e as suas discussões difíceis sobre como liderar melhor a instância esotérica e confidencial do movimento. São diálogos circunstanciais, sobre decisões de curto prazo, nos anos 1880 e início dos anos 1890, envolvendo eus inferiores de diferentes pessoas e o aspecto mais árduo de um trabalho sagrado.

O verdadeiro movimento teosófico ocorre nos planos superiores de consciência, mas para que isso seja possível se paga um preço. É importante que se saiba que há no Caminho da Verdade um processo de provação ocorrendo paralelamente o tempo todo nos planos inferiores. Isso não é algo fácil, como podemos ver, por exemplo, estudando a vida lendária e simbólica de São Francisco de Assis, ou os Evangelhos cristãos (também lendários e simbólicos), ou examinando as vidas de Paracelso, de Lúcio Sêneca, de São João da Cruz, William Wilberforce, Marco Aurélio e todo grande filósofo ou místico.

A bênção da Loja Unida de Teosofistas está no fato de que ela aponta para o ensinamento, e para o poder transformador que este ensinamento tem sobre a vida do estudante, e não para este ou aquele líder supostamente infalível como pessoa. A vivência do ensinamento teosófico nos dá o ponto de vista correto a partir do qual olhar para as limitações humanas e circunstanciais.

Ao fundar a LUT em 1909, Robert Crosbie trouxe o movimento teosófico - ou pelo menos o setor mais saudável e durável dele - para longe das preocupações pessoais e das lutas de poder, e para perto daquele estudo transcendente e profundo em que ocorre o autoconhecimento, primeiro, e, depois, o auto-esquecimento. Esquecendo de si mesmo, porque já se conhece, o estudante lembra, então, de trabalhar pela humanidade. E assim alcança gradualmente a libertação.

Helena Blavatsky cometeu erros, mas cabe acrescentar que os erros cometidos por ela ocorreram, sobretudo, no modo como avaliava pessoas. Ela não previu a traição de Annie Besant, por exemplo. Ela tendia inevitavelmente a julgar os outros do ponto de vista da sua própria lealdade e devoção à verdade. Assim, de um lado ela idealizava excessivamente alguns. De outro, ela se decepcionava em excesso com outros. Este tipo de erro é comum em quem vive em níveis altruístas de consciência. Ao desenvolver o discernimento das coisas espirituais, perde-se o discernimento para as coisas inferiores, assim como a lente de um telescópio, adequada para ver as coisas do céu, não é eficiente para ver as coisas da terra a curta distância. Disso decorre sofrimento, e H. P. B. sofria, sem dúvida. (Um Estudante de Teosofia)

## A Arte De Renunciar Ao Que É Secundário

Só se chega a viver o todo depois de identificar o que é essencial. É através do coração que se capta o conjunto. É pelo centro de gravidade - a base, o âmago - que se estabelece o equilíbrio. E para chegar ao essencial é preciso abandonar o secundário. O secundário é aquilo que ilude o estudante com mil explicações e justificativas lógicas e aparentemente perfeitas, pelas quais o indivíduo fica preso a situações decepcionantes através de desafios às vezes “urgentes”, e até “inadiáveis” - mas que não levam a nada. É morrendo para as futilidades da vida que nascemos para a vida eterna. É nascendo para a vida eterna - uma experiência quase sempre incômoda - que nos vemos livres das coisas passageiras.

# Perseverar É Um Bom Negócio

## A Felicidade Interior é um Assunto de Longo Prazo, Mas Ela Também Pode Começar Agora

O pensador Bertolt Brecht escreveu que há aqueles que lutam pela justiça por um dia - e isso é razoável. Há aqueles que buscam a justiça por um ano, e isso é bom. Há quem luta pela justiça durante dez anos, e isso é melhor ainda. Mas existem também os que vivem de acordo com o princípio da justiça a vida inteira, e esta é a atitude mais valiosa.

A perseverança na dedicação a ideais elevados amplia o contato com a alma imortal. Cabe investigar, portanto, quais são os fatores que tornam a perseverança possível, e que a diferenciam da simples teimosia ou do mero apego à rotina.

O estudante de filosofia deve ficar vigilante. É comum a situação do indivíduo que se entusiasma com a teosofia - até que surgem eventos familiares ou profissionais que o afastam devido aos motivos mais diversos, agradáveis ou desagradáveis, e todos, aparentemente, legítimos.

A explicação disso está no carma. A ampliação da visão de mundo do estudante produz efeitos. O despertar do sexto princípio búdico, provocado pelo estudo sério da filosofia teosófica, muda o carma da pessoa. Isto inclui enfrentar desafios deixados sem resolver em vidas passadas, e que são colocados em atividade devido ao despertar de setores até aqui adormecidos da alma. A transformação produz uma mudança de rumo para melhor, não só na vida atual mas também nas vidas futuras.

No curto prazo, o estudante observa que alguns fatos imprevistos parecem surgir em sua vida, dificultando a sua dedicação ao novo ideal e testando a força da decisão tomada. Estes testes tanto podem trazer contentamento quanto tristeza. Isto dependerá do carma do indivíduo. O mais importante, no entanto, é o rumo que ele escolheu.

O cidadão enfrentará a tentação de deixar a teosofia de lado porque foi promovido no trabalho, porque ganhou um emprego melhor, ou porque perdeu o emprego. Porque casou-se, porque nasceu um filho seu, ou porque se divorciou. Porque venceu uma crise, ou porque caiu sobre ele uma crise, ou porque surgiu uma oportunidade de fazer uma reforma em sua casa. Todas estas “novidades” e “desafios” têm em comum o fato de que testam a sua decisão de buscar a sabedoria universal.

Perseverar é renunciar às ilusões e fogos de artifício. A vontade de aproximar-se da teosofia é continuamente testada, inclusive por eventos que aparentemente não têm qualquer importância, de modo que a vigilância é fundamental.

A longo prazo, perseverar no caminho teosófico é bom negócio. A curto prazo, o estudo da sabedoria universal também é a melhor alternativa. Ao tentar o melhor no momento presente, há um ganho imediato em qualidade de vida.

A felicidade interior é um assunto de longo prazo, mas ela também pode ser imediata e incondicional. Ela pode começar agora, porque não depende das marés de curto prazo.

Há uma espécie de felicidade imediata que resulta do mero fato de optar pelo Caminho. A decisão reforça instantaneamente o contato do indivíduo com sua consciência e com sua alma imortal. Em seguida vem a aventura que é, de um lado, o enfrentamento dos testes, e de outro lado o aproveitamento das boas oportunidades. Nem sempre eles serão fáceis de identificar. Frequentemente as oportunidades e os desafios surgem como se fossem apenas acontecimentos avulsos e isolados, sem relação com a caminhada espiritual. O primeiro passo é identificá-los corretamente, e, para isso, é recomendável estar atento.

## A Teosofia é o Único Caminho? Examinando uma Pergunta Aparentemente Difícil

### **Pergunta:**

Há um aforismo de “A Voz do Silêncio”, de H. P. Blavatsky, mais precisamente na segunda metade do Fragmento Um, que começa com estas palavras: “Há uma única estrada para o Caminho...” [1]

E na abertura de “A Carta do Grande Mestre” [2], um Mahatma diz que a doutrina que os Iniciados promulgam é “a única verdadeira”. Isso não é uma forma dogmatismo?

### **Comentário:**

A pergunta é importante. As duas afirmativas citadas devem ser compreendidas corretamente. O “caminho único” a que a teosofia se refere ocorre num plano superior de consciência, e ele é ensinado de modos muito diferentes, e em tempos diferentes, pelas mais diversas religiões e filosofias.

A “Doutrina” (Dharma, Lei, Filosofia) que é “a única verdadeira” não pode ser colocada num manual feito de palavras. Não há um livro que a exponha, e muito menos uma crença. Ela está espalhada pela literatura mundial e também “escrita” em corações e mentes e na vida em geral. O carma e a reencarnação, por exemplo, estão escritos na vida, e dão lições todos os dias a cada ser humano.

O planeta é o livro da vida, de certo modo.

A teosofia cita constantemente obras das diferentes culturas, tradições, religiões e filosofias precisamente porque ela é um saber universal. Este saber corresponde à “árvore da sabedoria”. Toda árvore tem grande diversidade em suas folhas, que no caso do saber universal são os modos de exposição e ensino. É a partir do conjunto das folhas de uma árvore que se pode perceber o significado essencial do todo.

A teosofia moderna ensina um caminho mais direto. Além das folhas, ela examina a seiva interna da árvore. Ela não exclui nem desrespeita a diversidade das formas externas. Ela apenas mostra que elas têm ao mesmo tempo um sentido maior, e que a transcendência nos leva a estar conscientes da vida una e universal.

NOTAS:

[1] Veja o texto completo da obra “A Voz do Silêncio” em seção temática própria na abertura do site [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com).

[2] “A Carta do Grande Mestre” pode ser encontrada facilmente através de Lista de Textos Por Ordem Alfabética, em [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com).

## Sobre a Teosofia de Faz-de-Conta O Testemunho de Geoffrey Farthing

Geoffrey Farthing foi um dos grandes teosofistas do século vinte. Nascido a 10 de dezembro de 1909, ele morreu em maio de 2004 depois de uma longa vida dedicada ao bem da humanidade. Ele deixou leitores e amigos por todo o mundo, e seus livros constituem um ponto forte da literatura teosófica no século 20 e na primeira parte do século atual.

Estudante de Helena Blavatsky, Farthing defendia e ensinava a teosofia autêntica. Quando presidente da Sociedade Teosófica de Adyar na Inglaterra - durante os anos 1970 - ele causou um “problema político”. Ele rompeu a rotina, defendeu a verdade e explicou que os escritos de Annie Besant - sobre os quais se baseia a estrutura da Sociedade de Adyar - não têm fundamento real.

Em seu manifesto de 1996, intitulado “A Sociedade Teosófica e o Seu Futuro”, Farthing escreveu:

“O fato de que nem Annie Besant nem C. W. Leadbeater - depois, talvez, de um ou dois incidentes iniciais - tenha tido contato real com qualquer Mestre, embora possam ter realmente pensado que tinham, é algo que possui sérias implicações quando avaliamos o que eles disseram e fizeram ao assumir posições de autoridade. Toda a ação da Sociedade passou a ser um faz-de-conta! A ação se transformou numa pantomima, amplamente criada e orquestrada por C. W. Leadbeater: uma história de fadas, embora houvesse um fundo de verdade. Exceto por referências passageiras a H.P. Blavatsky como ‘nossa querida mestre’, a literatura de HPB era raramente estudada ou mencionada. Havia, no entanto, uma inundação de literatura que pretendia ser ‘teosófica’, escrita por Annie Besant e C. W. Leadbeater, e mais tarde por outros.” [1]

Ao começar a segunda década do século 21, já são poucos os desinformados que defendem as ilusões “clarividentes” do período de 1900-1934. No entanto, a pesada engrenagem ritualística de poder centralizado da Sociedade de Adyar foi criada naquele período, e ainda está por cair ou ser





